



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

GISELE OLIVEIRA DE ALMEIDA

(depoimento)

2014

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-493

Entrevistada: Gisele Oliveira de Almeida

Nascimento: 13/03/1989

Local da entrevista: CEMEF – EEEFTO – UFMG

Entrevistadora: Christiane Garcia Macedo

Data da entrevista: 17/11/14

Transcrição: Fulvio Botelho Dickel

Copidesque: Christiane Garcia Macedo

Pesquisa: Christiane Garcia Macedo

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 14 minutos e 6 segundos

Páginas Digitadas: 7 páginas

Observações:

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Christiane Garcia Macedo intitulado *Locais Memória da Educação Física: os centros de memória das universidades federais*

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Envolvimento com o Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer (CEMEF); Coordenação do CEMEF; Situação dos acervos no momento de sua chegada; Etapas de organização do acervo institucional; Relação entre Ciências da informação e o CEMEF; Apoio da universidade; Dia-a-dia de trabalho no CEMEF; Relação das atividades de ensino e o CEMEF; Atividades de extensão; Pesquisas realizadas; Temática das pesquisas; Autores e referenciais; Fontes orais; Meios de divulgação científica, Definição do CEMEF; Papel do CEMEF na sua trajetória; Registro final da entrevistada.

Porto Alegre, 17 de novembro de 2014. Entrevista com Gisele Oliveira de Almeida a cargo da pesquisadora Christiane Garcia Macedo para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Gisele, primeiro obrigado pelo seu tempo. Queria que você começasse contando como se envolveu com o CEMEF¹?

G.A. – Na verdade, eu tentei uma bolsa para um projeto de história oral, para um projeto de entrevistas orais. Eu tentei a seleção, não passei. Ai logo em seguida, a Meily² que é coordenadora, que era coordenadora, hoje é ainda. E na época que eu entrei ela também era coordenadora ela me contou que tinha um projeto chamado projeto acervo. Que tinha um bolsista, só que o bolsista estava saindo e abriu esta vaga. Ai eu tentei essa seleção. Só tinha eu e mais uma candidata, a candidata não veio aí só tinha eu mesma, eu fui, passei. Isso foi em 2010, foi mais ou menos no final do primeiro semestre de 2010 que eu entrei aqui. E aí foi isso. Fiquei sabendo da bolsa, passei, comecei a trabalhar com o trabalho voltado mais para o acervo do CEMEF, mais o acervo textual, institucional.

C.M. – Você é da Educação Física mesmo?

G.A. – Sou da Educação Física.

C.M. – Quais foram as suas atividades aqui?

G.A. – A minha atividade ela foi toda voltada para o acervo textual. Acho que a Thaís³ deve te falar um pouco também que a gente trabalha com todo o processo de tratamento da documentação referente à Escola de Educação Física. Então vai desde o diagnóstico destes documentos, para entender um pouco da estrutura organizacional da escola e conseguir inserir estes documentos dentro do quadro de arranjo que reflete a estrutura organizacional da escola. A gente faz a descrição, a classificação destes documentos, a numeração e o acondicionamento, armazenamento lá na sala de reserva técnica com as temperaturas

¹ Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer, da Universidade Federal de Minas Gerais.

² Meily Assbu Linhales.

³ Thaís Nodare de Oliveira.

climáticas apropriadas e tal. Então o trabalho é basicamente este: todo o processo de tratamento e organização física e intelectual, digamos assim, destes documentos.

C.M. – E você tem participado de atividades de Grupos de Estudos?

G.A. – Sim. Neste período que eu sou bolsista aqui no CEMEF eu participei de alguns projetos de pesquisa. A Meily já teve vários projetos, eu não vou saber lembrar o nome de cada um, mas todos os projetos que a Meily teve envolvendo bolsistas, o pessoal da pós-graduação, mestrado, doutorado, todos eles eu participei. A gente tinha um projeto, logo que eu entrei, com o professor Adalson⁴ que aí já era mais voltado para os estudos relativos ao acervo. E depois eu fui me envolvendo com outros projetos, também da Meily, mais voltados para a área da educação, para o trabalho com as fontes documentais mesmo. Aí foram vários projetos que eu não vou saber te falar o nome.

C.M. – Em relação à pesquisa. Você fez alguma pesquisa aqui?

G.A. – Sim. Meu Trabalho de Conclusão de Curso, eu fiz, terminei, defendi em 2013, final do ano passado, ele foi aqui, foi com documentos pertencentes ao acervo do CEMEF também. Foram minhas fontes.

C.M. – Sobre o que é?

G.A. – Eu utilizei documentos que são fichas de alunos. São fichas médicas-biométricas que eram exames médicos que todos os alunos do curso de Educação Física tinham que fazer semestralmente. Eles eram submetidos a exames de medições corporais. Media a capacidade vital, a capacidade respiratória, tirava medidas corporais mesmo, envergadura, peso, altura, enfim... Tem um conjunto de fichas aqui no CEMEF, desde o início da criação da escola de Educação Física... Não sei se você já ficou sabendo da história... Desde o ano de 1952 até 1979, que é o marco temporal do acervo. Então o meu trabalho foi isso, pesquisar estas fichas e tentar pensar num perfil de alunos a partir do conteúdo destas fichas. Eu elenquei alguns pontos, alguns itens destas fichas e tentei traçar um perfil destes

⁴ Adalson de Oliveira Nascimento.

alunos. Tinha questões nas fichas sobre hábitos da pessoa, se bebe, se fuma. Isto também me serviu de fonte para tentar traçar este perfil.

C.M. – Quem é responsável pela organização dos acervos? E qual é o seu papel? Se você tem alguma função específica dentro deste trabalho.

G.A. – A organização dos acervos como um todo, os responsáveis são os coordenadores. No caso mais a Meily por que ela é coordenadora de acervo. Os outros coordenadores são coordenadores de outras áreas. Mas é mais a Meily juntamente com o Adalson que é o professor da ECI⁵ que nos ajuda aqui e tem os bolsistas que também são responsáveis. No caso, eu, o Igor⁶ e a Laura⁷, além da Thaís também que participa deste trabalho. Mas no meu caso, a minha função específica é na verdade, atualmente, mais orientar o Igor e a Laura, por que de nós três eu sou a mais antiga. Eu meio que distribuo as tarefas. A gente sempre faz reuniões com a Meily. Ela já apresenta as demandas para a gente do trabalho e eu meio que vou mediando ai o trabalho...Nós três... Eu, Igor e a Laura.

C.M. – Vocês trabalham com acervo institucional?

G.A. – Isso. Da Escola de Educação Física.

C.M. – Como foi sua formação? Como você se apropriou destes conhecimentos mais das ciências da informação? Como que vocês fizeram isto? Foram cursos? Livros? Alguém conversou com vocês?

G.A. – Sim. Na verdade foram as reuniões de estudos que aconteciam. Hoje não acontecem tanto, mas, quando eu entrei em 2010 a gente se reunia, eu, Adalson, Meily, a Thais na época e os bolsistas que estavam aqui na época. O Igor e a Laura não estavam. Ai a gente fazia reuniões de estudos... A gente utilizou muito a referencia da Bellotto, Heloísa Liberalli Bellotto, que é uma referência da arquivologia para estudar como lidar com documentos de caráter de arquivo. O livro dela, que a gente estudou, ele trata bastante disto, do trabalho mesmo com arquivos, procedimentos. Então de literatura a gente usou

⁵ Escola de Ciência da Informação.

⁶ Igor Maciel da Silva.

isso, mas fora isso, nas reuniões nós líamos textos e o Adalson também nos orientava. Ele tem uma vasta experiência nesta questão. Na área da arquivologia... Ele não é formado em arquivologia, mas, ele trabalhou muito com isto então ele tem uma experiência prática muito boa com isto. E foi mais isto que nos orientou neste trabalho.

C.M. – Vocês tem feito trabalho com acervos de outras instituições?

G.A. – Não. Aqui no CEMEF não. Não que eu me lembre.

C.M. – A Universidade tem apoiado o CEMEF na sua visão?

G.A. – Não saberia dizer com certeza. Eu acho que não. Porque o CEMEF ele tem uma característica de não ser... Como é que eu falo... A área que abrange o CEMEF, que seria a história no caso, ela não é tida como parte da Educação Física. Porque a Educação Física ela está dentro daquilo que eles chamam de Ciências da Saúde. Então a história teoricamente não entraria. A história ficaria mais como área à parte. Então pelo menos esse tempo que eu estou aqui eu não percebo da escola uma percepção mesmo de que o CEMEF é importante para a escola. Com esta questão da preservação da memória, dos documentos históricos. Então não vejo assim. Talvez, a escola tenha auxiliado sim, por não barrar certas ações. Às vezes a Meily precisa de alguma coisa da escola, ou, por exemplo, quando eu vou apresentar trabalho, algum trabalho que eu faço pelo CEMEF aí eu peço dinheiro, recursos financeiros, aí a escola não barra, mas isso ela faria para qualquer aluno. Independente se for do CEMEF ou não, ela já faria. Mas pelo menos ela não barra os trabalhos do CEMEF. Mas é mais isto, fora isto...

C.M. – Como é o dia-a-dia de trabalho?

G.A. – No acervo?

C.M. – No CEMEF. O seu dia a dia de trabalho.

⁷ Nome sujeito a confirmação.

G.A. – Igual eu falei... As reuniões são reuniões que a Meily faz geralmente... Agora ela tem feito mensalmente... Com as tarefas que a gente tem que fazer no acervo. Então geralmente eu chego aí eu olho... A gente tem uma lista com o que falta para fazer as demandas. Se precisa, por exemplo... Tem documentos que precisam ser numerados página a página. Então já pego este tipo de trabalho para fazer ou então precisa montar tabela no World com os documentos que ainda não foram inseridos nos índices, ou precisa cortar as pastas de papel, que a gente corta na guilhotina. Então cada dia é um trabalho diferente então a rotina é essa. Chegar e ver o que precisa ser feito ainda que está dentro das tarefas, mas que ainda não foi feito.

C.M. – Você tem um horário? Há uma exigência de tantas horas por semana?

G.A. – Sim. Vinte horas semanais. Todo bolsista... Pelo menos no caso, eu que sou bolsista de extensão... A gente tem vinte horas semanais para cumprir aqui no CEMEF. A vantagem é que é flexível, eu não preciso ter vinte horas, por exemplo, só as manhas ou só as tardes, eu monto o horário sempre no início do semestre de acordo com a minha disponibilidade de disciplinas. Das disciplinas da graduação, que eu ainda faço, faço licenciatura ainda.

C.M. – Você formou em bacharelado?

G.A. – Formei em bacharelado, faço licenciatura.

C.M. – Agora sobre a produção. Além do seu TCC⁸ teve algum outro texto pra evento, revista que você publicou?

G.A. – Eu já fiz alguns trabalhos para congressos, Congresso Brasileiro da História da Educação, Congresso Mineiro da História da Educação. A gente ajudou a fazer um capítulo de livro. Capítulo construído... Organizado pela Meily e o Adalson, aí eu, a Thais, outros bolsistas ajudamos a escrever um dos capítulos do livro e creio que só. Mais são os trabalhos para os congressos mesmo.

C.M. – E nestes trabalhos qual a parte teórica que você tem trabalhado?

G.A. – Com a Heloisa Bellotto, que é nossa maior referência, a gente pode dizer assim... Deixa eu ver se tem outro... Um ou outro texto também que não seja... Tem um, acho que é... Esqueci o nome... Acho que é Dicionário de Arquivologia, acho que é uma coisa assim, eu esqueci, mas tem alguns outros textos também que a gente utiliza sim.

C.M. – Mais da área da arquivologia?

G.A. – Mais da área da arquivologia, da Educação Física em si acho que quase nenhum.

C.M. – Da história tem?

G.A. – Não.

C.M. – Agora como você vê o CEMEF? Como você definiria o CEMEF?

G.A. – Eu definiria acho que como ele mesmo se define que é um lugar de recepção de documentos, de guarda e preservação da memória da instituição. E essa memória ela é preservada através dos documentos, por isso é importante preservar estes documentos, tratar, organizar, armazenar e cuidar destes documentos para que a memória não seja perdida. Porque os documentos eles tem uma vida útil então com o tempo, o dano... A perda destes documentos faz com que outras pessoas não possam acessar coisas que a gente viveu, por exemplo, o que a gente não viveu que é coisa que antecede a gente aqui na escola, nós alunos por exemplo. Então acho que é isso é um lugar de preservar memória, do cuidado com a história que é diferente de outras áreas que tem aqui na escola, na Escola de Educação Física.

C.M. – Qual o papel do CEMEF na sua trajetória?

G.A. – Eu acho que o CEMEF foi muito importante. Foi algo que acrescentou muito na minha formação. Acho que foi fundamental por que eu acho que só assistir aula e ir

⁸ Trabalho de Conclusão de Curso.

embora para casa, igual eu fazia antes aqui, eu acho que não acrescenta nem metade do que acrescentou ser bolsista do CEMEF. Mas para mim assim particularmente foi um aprendizado singular, muito importante que eu acho que eu tinha que ter passado por isto, sabe? As reuniões que a gente sempre fez, os encontro de pesquisas, as orientações que eu tive com a professora Meily, também construir um TCC baseado nos documentos que estão aqui, então assim, tudo foi muito importante, muito bom ter acontecido assim para a minha formação, eu cresci muito com isto.

C.M. – Tem mais alguma coisa que você gostaria de registrar?

G.A. – Acho que não, acho que eu já devo ter falado tudo.

C.M. – Então está bom. MUITÍSSIMO obrigada.

G.A. – Obrigada pelo tempo.

[FINAL DA ENTREVISTA]